



Data: 12.11.2021

Título: "As obras são todas adjudicadas a 'loja do chinês' e isso tem de ser mudado"

Pub: **JE** O Jornal Económico

Tipo: Jornal Especializado Semanal

Secção: Nacional

Pág: 8



ENTREVISTA | FERNANDO BRANCO | Candidato a bastonário da Ordem dos Engenheiros

"As obras são todas adjudicadas à 'loja do chinês' e isso tem de ser mudado"

Fernando Branco anuncia, em entrevista ao JE, a candidatura a bastonário da Ordem dos Engenheiros. Quer valorizar o papel do engenheiro e ter uma organização mais jovem e interventiva, a começar pela contratação pública.

RICARDO SANTOS FERREIRA
r.sferreira@jornal-económico.pt

Fernando Branco, investigador do centro de engenharia civil, consultor, e professor catedrático aposentado do Instituto Superior Técnico (IST), anuncia, em entrevista ao Jornal Económico, que é candidato a bastonário da Ordem dos Engenheiros, nas eleições que deverão realizar-se em fevereiro. Estabeleceu como prioridades a valorização do papel do engenheiro e o rejuvenescimento das estruturas. Quer uma Ordem mais interventiva, a começar pela contratação pública, que acusa de ter como único critério o preço baixo de adjudicação.

Vai ser candidato nas eleições para a Ordem dos Engenheiros?
Vou ser candidato, depois de ter sido solicitado a isso durante mais de dois anos.

Quais são as bases dessa candidatura?

Como em todas as organizações a que já presidi, nomeadamente internacionais, a minha estratégia de atuação é sempre identificar os problemas que sinto que têm de ser resolvidos, e fiz isso falando com muitas pessoas, analisando documentos; a partir daí faço o programa de candidatura, que é o modo como tenciono resolver os problemas, no período de três anos, que será o período de atuação como eventual bastonário, se os meus colegas assim o decidirem. Fiz um programa que se designa por "cinco erros". Três vetores principais que são reorganizar a Ordem, resolver os problemas principais pendentes e rejuvenescer. Rejuvenescer é um aspeto muito importante. A Ordem, os meus colegas que me perdoem, está envelhecida, e, apesar de eu já ter alguma idade, quero trazer os jovens para dentro. Há mais dois vetores: revalorizar a imagem da Ordem no meio nacional, porque consideramos que é claramente importante valorizar o papel do engenheiro através da Ordem, e o último "erro", que é relocar a Ordem a nível internacional. Hoje em dia, muitos dos nossos engenheiros estão no estrangeiro; a Ordem portuguesa tem de estar com uma ligação muito forte ao estrangeiro e tirar dividendos disso.

O papel do engenheiro tem perdido relevância?
Tem perdido imagem, essencialmente. Os engenheiros são os executantes,



Online BERNARDO

são os motores das realizações e muitas coisas têm ficado por fazer porque não envolvem devidamente os engenheiros. Habitualmente, não têm a sua própria imagem valorizada, ficam silenciados. É isso que quero claramente mudar.

Como se altera essa perceção?

A Ordem tem um sistema cruzado, com regiões - que correspondem à parte administrativa -, e, depois, tem os colégios, que são secundarizados e esse é um dos aspetos em que sou muito crítico. Os colégios são a verdadeira alma da Ordem. A primeira ação será essa: revalorizar os colégios. As ideias dos colégios têm de ser postas à frente da Ordem; a parte administrativa deve ser o suporte dos colégios e não o que se passa agora, que é ao contrário.



Veja a entrevista hoje, às 11h00, na JE TV, no site e nas redes sociais.



Muitas coisas têm ficado por fazer porque não envolvem devidamente os engenheiros

Quero, inclusive, que os colégios venham ao órgão executivo que é o CDN (Conselho Diretivo Nacional) apresentar as suas propostas e que estas sejam discutidas.

Está em discussão uma proposta para a limitação da capacidade de atuação das ordens. Como é que a analisa?

Essa proposta tem vários vetores. Tem um vetor que não afeta em nada a Ordem, que tem a ver com os estágios que algumas ordens impõem aos jovens candidatos. Nós, na engenharia, praticamente temos pleno emprego, neste momento; os engenheiros fazem os estágios já empregados e pagos pelas empresas. O problema prende-se com outra parte, que é a criação de um órgão mais ou menos autónomo que quer controlar a Ordem. Uma das coisas que passa a controlar é a admissão de candidatos estrangeiros. Esta linha é precisamente o que Bruxelas diz; tem uma posição que até se percebe, que é querer que todos os profissionais possam circular na Europa à vontade; a ideia é que um engenheiro civil belga ou outra coisa qualquer possa chegar aqui e trabalhar à vontade. O problema que existe é que o engenheiro civil em Inglaterra não é igual ao engenheiro civil em Portugal. Nós, os países do Mediterrâneo, temos uma formação muito abrangente; um engenheiro civil aqui, por exemplo, sabe fazer desde estruturas a análise sísmica, etc. Um engenheiro inglês é um engenheiro de perfil estreito e, portanto, um engenheiro

de perfil estreito vem para Portugal e, teoricamente, pode fazer coisas que não sabe.

Se este poder de análise sai da Ordem e passa para esse órgão, eu tenho algum receio, até por uma razão muito simples: esse órgão vai ter só seis pessoas e a engenharia tem 12 especialidades, portanto, há seis especialidades de que não há lá ninguém que saiba do assunto. Acho que [a proposta] ainda vai ter que levar uns toques.

A posição da Ordem tem de ser de independência, construtiva, de ajuda à sociedade, que é uma posição de ajuda do Governo. Esperemos que esse órgão não seja para controlar, porque, então, nesse caso, temos de ir para a guerra.

Quais são os principais problemas que se colocam à atividade nesta altura?

De forma geral, os membros da Ordem não têm problemas de emprego, mas têm problemas de emprego bem remunerado ou remunerado em condições.

Eu tenho algumas ideias para melhorar isso, que fazem parte do meu programa. Os nossos engenheiros ganham bastante menos do que se ganha no estrangeiro e, por isso, emigram. Começa a haver soluções para os nossos engenheiros ficarem em Portugal e trabalharem para o estrangeiro, mas eu quero mais, quero fazer empreendedorismo, quero que os nossos engenheiros criem as suas próprias empresas cá, a trabalhar para o estrangeiro.

Antes da pandemia, já se notava alguma escassez de talento e a globalização poderá acentuá-la. Como é que as organizações em Portugal podem competir?

É verdade que começamos a ter falta de engenheiros. O primeiro sítio onde as empresas que querem ter um engenheiro vão é ir à universidade pedi-los. E os pedidos sobem todos os dias. E sei que já começamos a importar engenheiros de países como a Índia, que tem uma formação razoável.

Vamos ter um período de desenvolvimento de obras públicas, com os fundos europeus. Que papel podem ter os engenheiros?

Sem engenheiros não há PRR. Os engenheiros são os executantes. Obviamente, não em todo o PRR. São 60 mil milhões de euros, juntando tudo; a parte da habitação é brutal e a habitação é engenharia. Agora, porque é que continuamos a pagar tão pouco aos engenheiros? Há um problema, que eu considero que é importante, a nível de contratação pública, que é nós termos um sistema de adjudicação de obras e projetos que é feito, pura e simplesmente, pelo preço mais baixo.

Nós dizemos entre nós que as obras são todas adjudicadas à 'loja do chinês' e isso tem de ser mudado. Na adjudicação tem de entrar o preço, sem dúvida, o tempo de execução, mas há uma variável que não entra e não se percebe, que é a qualidade. Não entra porque os decisores, as pessoas que têm que adjudicar, não sabem fazê-lo de forma objetiva e têm medo que depois sejam acusados de alguma coisa. Mas isso é desconhecimento, porque hoje em dia a análise de qualidade pode ser feita de forma tão objetiva como o preço ou como o tempo.

Uma aposta na qualidade não terá reflexo no preço, que tem sido o fio condutor das adjudicações?

Depende do que é que está a chamar preço, porque esse é outro erro dos adjudicantes, porque o preço de uma obra não é o preço do dia da inauguração, é o preço dela passar 50 anos. E o que vai entre o dia da inauguração e os 50 anos são todos os custos de manutenção e percebe-se claramente que, se fizer uma obra barata, isso quer dizer que vai ter muitos mais custos de manutenção. É por isso que eu digo que a qualidade permite economizar, mas é no preço final da obra. ■